blog\fazer-aulas-em-casa-durante- quarentena\ Acesso em; 26 de agosto de 2020.

LOUIZY. Confinamento: Como resistir ás distrações quando estudamos em casa? Como manter a concentração estudando em casa? Disponível em: superprof.com.br\blog\quarentena-não-distrair-e-estudar. Acesso em; 17 de agosto de 2020.

LOUIZY. Como ter aulas online em casa? O guia prático durante o confinamento. Disponível em: https:\\www.superprof.com.br\blog\estudantes-aprendendo-mesmo-a- distancia. Acesso em; 17 de agosto de 2020.

UBM. Estudar em casa: 5 dicas preciosas de estudo á distância. Disponível em: G1. globo. Com. Acesso em: 23 de agosto de 2020.

BLOG. ULIVING BRASIL. Estudar em casa: 5 dicas pra quem precisa estudar á distância.Disponível em: https:\\uviling.com.br\blog-aulas-dicas-estudar-em-casa. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

DIREÇÃO CONCURSO. Quarentena: 7 dicas de organização para estudar em casa. Disponível em: www.direcaoconcursos.com.br\noticias\quarentena-dicas-de--estudos. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

SOUZA, NAYARA. Hotmart\blog. 20 dicas de como estudar à distância e aproveitar ao máximo as aulas. Disponível em: blog.hotmart.com\pt-br\como estudar-a- distancia\. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

EQUIPE HOTMART. Desafios do ensino a distância: é possível superá-los?. Disponível em: blog.hotmart.com\pt-br\desafios--do-ensino-a-distancia. Acesso em: 23 de agosto de 2020.

O BRINCAR E OS CESTOS DOS TESOUROS NO CONTEXTO DE 0 A 3 ANOS

REGINA CÉLIA DA CRUZ SANTOS

RESUMO

Este artigo tem como metodologia um levantamento bibliográfico acerca do brincar, o desenvolvimento nos primeiros anos de vida de um bebê, as aprendizagens existentes no brincar e a oferta dos Cestos dos Tesouros aos bebês no contexto de 0 a 3 anos. O brincar é de fato o trabalho do bebê, neste momento ele tem acesso aos mais variados conteúdos matemáticos e físicos futuramente nomeados pelos adultos, no qual ele poderá vivenciar corporalmente. Não somente conteúdos, os bebês ao brincar conhecem a si mesmos, se relacionam com o ambiente, com as pessoas ao seu redor, e modificam todo seu entorno na busca de pesquisar seus interesses e de se apropriar de descobertas. Para isso as relações e interações devem estar muito presentes e de uma grande qualidade, para que tais aprendizagens sejam significativas e que fortaleçam o crescimento, o desenvolvimento e a apropriação deste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Brincar; Bebê; Desenvolvimento; Observação.

1 INTRODUÇÃO

Qual a importância do brincar? Como se dá a construção da investigação feita pela criança? Ofertar o Cesto de Tesouros pode oportunizar avanços e pesquisas? Essas foram as questões que direcionaram o

meu olhar para a pesquisa bibliográfica referente ao tema.

Sabemos o quanto as crianças são seres potentes, que se constituem por meio das pessoas que se ocupam delas, pela forma de zelo e cuidado, pelo ambiente potencializador de experiências, pelo tempo que lhe é oportunizado para que ela possa realizar suas investigações, criar e testar hipóteses diante de um objeto que lhe chamou a atenção.

Para que a aprendizagem aconteça e o bebê e a criança avancem é preciso que, antes de mais nada, se entre em relação, ou seja, a criança precisa, com orientação do adulto cuidador - seja famíla ou educadores - entrar em relação em diversos ponto, como: relação com o adulto que dele se ocupa, relação consigo mesmo, relação com seu entorno, relação com o objeto e relação com outra criança (caso ela já esteja nesta fase).

Podemos dizer, segundo a autora Erika Parlato-Oliveira (2019, p. 23) que “o bebê nasce com capacidades que lhe são proporcionadas pela sua constituição, que faz com que ele seja dotado de particularidades físicas e seja um ser único”, ou seja, “desta condição ele fará sua singularidade, constituirá seu ser a partir da interpretação de tudo o que se apresente a ele”.

A autora continua: "o bebê tece suas impressões sobre o mundo a partir de um elaborado e complexo sistema de percepção que permite a ele interpretar as informações para compor um saber”. Esse saber está “sustentado numa capacidade dinâmica multimodal da interpretação”. (PARLATO--OLIVEIRA, 2019, p. 30)

Assim, segundo a autora “ o bebê busca outros objetos para interagir com eles, construindo um complexo sistema de linguagem que apresenta três funções fundamentais para o sujeito: a função interpretativa, a função reflexiva e a função comunicativa” (PARLATO-OLIVEIRA, 2019, p. 32)

2. O DESENVOLVIMENTO NOS PRIMEIROS ANOS

Segundo as autoras Patrícia Gimael e Selma Aguiar (2013) “se observamos uma criança brincando podemos ver o grande interesse que ela tem pelo mundo que a cerca, uma criança de 03 anos quando acordada é só movimento”, ou seja, “o impulso em direção ao mundo é muito forte gerando um movimento e ação. Ao brincar ela está conhecendo através de vivências e de experimentação seu próprio corpo, meio ambiente e as relações sociais”. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 21)

O brincar é o “impulso tão forte e saudável que é como se fosse seu trabalho, o brincar livre é motivado pelo desejo de conhecer e experimentar e, através dele, que acontece o desenvolvimento físico-motor, a socialização e desenvolvimento psíquico”. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 21)

Ainda no berço o bebê “começa a brincar com as mãos e os pés e com a própria voz, balbuciando. As experiências lúdicas com o próprio corpo são necessárias para o desenvolvimento motor trazendo noções de espaço e equilíbrio dinâmico”. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p.21)

Quanto menor a criança mais simples devem ser os brinquedos, pois se forem muito prontos, isto é, muito elaborados não haverá espaço para fantasia e logo serão deixados de lado. (GIMAEL; AGUIAR, 2013,

p.22)

As autoras reforçam que é “muito importante o processo de desenvolvimento motor de uma criança, e que este não seja acelerado pelos pais ou cuidadores”. O bebê precisa “passar por cada etapa do desenvolvimento motor para que desenvolva uma musculatura e adquira força e desenvoltura suficiente para andar”. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p.23)

É importante deixar a criança “no chão rolando, arrastando, engatinhando por meses até que conquiste, por seu próprio esforço, o seu desenvolvimento motor”. Assim, “não devemos colocar uma criança numa posição em que ela ainda não conquistou, ou seja, não carregar o bebê sentado no colo se ele ainda não se senta sozinho”. A cada posição a ser conquistada, o bebê deve fazer seu “próprio esforço, desenvolvendo sua força de vontade e perseverança. (GIMAEL; AGUIAR, 2013,p.23)

As autoras mencionam alguns pontos desse desenvolvimento do brincar e das relações em cada faixa etária:

- No primeiro ano de vida a principal tarefa do desenvolvimento cerebral inicial é a formação e o reforço das ligações, as sinapses e as conexões entre os neurônios que se formam à medida que a criança cresce e experimenta mundo que a cerca. Estabelece relação com os pais, com os membros da família e com os outros cuidadores. [...]O cérebro de um feto produz praticamente duas vezes mais neurônios do que vai de fato precisar, o que funciona como uma margem de segurança, aumentando as chances dos recém-nascidos virem ao mundo com o cérebro saudáveis. [...] Essas redes de sinapses ao serem utilizadas e reforçadas na vida diária passam a fazer parte do currículo permanente do cérebro e caso não sejam utilizadas frequentemente ou com certa continuidade elas serão eliminadas, logo a experiência desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do circuito cerebral de uma criança. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 19)

- No segundo ano de vida a criança explora o espaço e precisa estar sempre acompanhada para que possa ter, ao mesmo tempo, liberdade e segurança [...] As crianças ficam o tempo todo no movimento e o menor descuido já estavam fazendo algo perigoso ou proibido, então quando você se dá conta está falando “não” várias vezes ao dia, mas o que é proibido ou perigoso pode parecer mais atraente e, consequentemente o “não” nem sempre funciona.[...] Depois que a criança se coloca de pé e começa a andar tem um desenvolvimento mais ativo da fala. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, pp. 29-30)

- No terceiro ano de vida a criança passa a se chamar pelo nome e, ao acontecer isso, é que de fato reconhece a diferença entre ela e a mãe, consequentemente começam os primeiros atos de rebeldia: a birra. A criança passa a perceber os próprios desejos e perceber que nem sempre são iguais aos da mãe ou do pai, o que gera muitos atos de rebeldia. Nesse momento é necessário que se mantenha firme e tranquilo, não se irritando ou se deixando amolecer pelo choro ou pelos gritos. São necessárias regras claras e razoáveis e devem ser mantidas. [...] A memória também tem início após a consciência de quando a criança pode dizer “eu quero”. O egocentrismo aos 3 anos é como se a própria criança fosse a causa e a razão do mundo que a

rodeia, com seus objetos e as pessoas a pertencessem e tudo acontecesse em função dela, na medida que ela vai crescendo sua consciência vai se criando e vai trazendo mudanças em relação à forma como vê a si mesmo e o mundo. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 32)

Neste seguimento do brincar o ritmo está presente, segundo as autoras ritmo é "uma lei universal que significa, entre outras coisas, alternância, reflexão e continuidade. Ele mantém as coisas funcionando e o princípio dos ritmos temos desde a batida do coração, na respiração, as estações do ano, etc". Assim, "todo aquele que educa deve entender as bases do que se mantém um ritmo para se fortalecem seus planos a garantia de que a criança terá uma continuidade, e que vá crescendo, se desenvolvendo com tempo, graça para se desenvolver plenamente. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p.42)

Assim, o tempo todo o aprendizado, o brincar, as relações, "necessitam de tempo, de reflexão e respeito, pois nunca se deve apressar a criança, ou seja, ela necessita de tempo para amadurecer e entender a base no ritmo".(GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 43)

Vivenciar e compreender o tempo, ou seja, o que vem antes e depois, o que passou, quanto tempo falta, para se dar terminado acontecimento. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 43)

3. APRENDIZAGENS NO BRINCAR

Percepções captadas a partir do contato com o meio externo são informações do experimento do sistema nervoso das crianças vivenciando experiências, aprendizagens e criando memórias. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 9)

Os bebês e crianças são "curiosas, questionadoras, interessadas, sensíveis às relações com as pessoas e com as interações com o mundo físico". As crianças aprendem a "assumir novos comportamentos e atitudes e aplicam seus saberes em outras situações, em experiências significativamente processadas que se transformam em conhecimentos". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 9)

Desde o nascimento os bebês vão constituindo uma "consciência de seus gestos, balbucios, choros, caretas e movimentos os quais, o cuidador que interage com os bebês, pode observar a intenção no que fazem, desejam escolher e precisão". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.10)

A curiosidade dos bebês e crianças é provocada pela novidade, "pelo desconhecido, segundo Susan Angel (2015) às crianças pequenas se sentem atraídas pelo que é novidade e pelo que destoa daquilo que são acostumados".(ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.10)

Já na pesquisa feita pelos pequenos está presente a "alegria pela descoberta e elas são alimentadas porque as crianças nascem curiosas e a cada etapa o campo de visão e a audição deles vão maturando" onde, por exemplo, podem "agarrar os objetos e levá-los a boca, sacudir, virar e atirar, ou seja, são incansáveis investigadores das reações das pessoas à sua volta e as formas de se comunicar e compreender situações". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.10)

Além das sensações do corpo, os bebês e crianças podem aprender com as centenas de perguntas que formulam ao longo

do dia “o que” e “para que” são repetidos intencionalmente, aprendem a esperar pelas respostas e são insistentes quando não as descobre”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.11)

Atualmente a curiosidade tem sido “compreendida como força que impulsiona o desenvolvimento infantil e como um dos mais importantes sistemas produtores e condutores de educação e das descobertas científicas”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.12)

Piaget (1983) define a curiosidade como algo “necessário e explicando o inesperado, procura preencher informações que faltam, para ele, as crianças são pequenos cientistas”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.12)

Nas palavras da pesquisadora e educadora Gisela Wajskop por um temperamento curioso, a criança interessada se aproxima dos elementos de natureza e da cultura para aprender sobre conhecimentos acumulados pela humanidade, pela mediação do professor as crianças vão desenvolvendo competências para fazer perguntas de maneira apresentar seus saberes com um desenvolvimento do pensamento científico e criativo. (Curiosidade, 2016 apud ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.12)

Acompanhar “as inquietações, valorizar a pesquisa, fazer perguntas são pontos que os professores de crianças curiosas, interessantes e criativas” podem utilizar para que tais pesquisas avancem e esses questionamentos possam ser respondidos. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.12) E para isso é preciso “respeitar o tempo de cada um e sem entrar na ansiedade de responder por elas, pois curiosidade e oportunidade são alimentos da aprendizagem”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.12)

Josca Ailine Barouk complementa dizendo que está nos olhos e na escuta do adulto a possibilidade de perceber o que a criança está manifestando e em que pontos elas podem fazer suas escolhas adequadamente. Assim, deixar fazer tudo não se confunde com o ‘protagonismo’, do mesmo modo a criança não é um papel em branco, alguém que não sabe nada, e o professor não é aquele que sabe tudo. O caminho do meio é aquele que considera a criança como sujeito, com seus saberes próprios, desde pequeno - e o adulto, com aquele que assume o papel para inserir a criança no mundo e zelar pelos seus caminhos. É reconhecer que a criança tem o cálculo da própria vida (Protagonismo 2016 apud ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.14)

Segundo as autoras Joyce Rosset, Maria Rizzi e Maria Webster (2017, p. 15) “o tempo é a duração dos fatos é o que determina os momentos, os períodos, as horas, os dias, as semanas, os séculos. É a ideia de presente, passado e futuro.”

Neste sentido podemos dizer também que “o tempo também têm significados na filosofia. Os antigos pensadores gregos tinham três conceitos para definir o tempo Chronos, Kairós e Aion:

- Chrónos é o tempo cronológico, o que pode ser medido são os horários da rotina da escola e da família, é o motivo de tensão do professor que tem de adequar aos tempos das crianças.
- Kairós é o momento indeterminado em que algo especial acontece ou tempo da oportunidade, é o tempo da re-

lação do professor com sua turma quando está presente preparado para intervenções que apliquem as possibilidades de mediação do conhecimento.

- Airon é o tempo sagrado e eterno, é o tempo da criatividade, da inspiração, no qual as horas não passam e independem do relógio físico. A ele escapa ao controle e é a dimensão da criança que brinca, imagina e inventa. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.15)

Segundo as autoras as crianças "aprendem no tempo Aion, quando mergulham nas experiências com curiosidade, inspiração e desejo de pesquisa. É nesse processo que elaboram e constroem sentidos". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.15)

E continuam mencionando que "é no tempo Chrónos que a rotina que confere constância, organização e estrutura para o dia a dia das crianças. Elas aprendem a temporalidade por meio das marcas do seu dia, como chegar e ir embora", assim é nessa alternância de tempos que "a criança se desenvolve". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.15)

Ao repetir e buscar soluções "a criança fica mais habilidosa do ponto de vista biológico, é nos momentos precisos de construção de conexões cerebrais que as aprendizagens acontecem". Neste sentido, "quanto maior e mais sólidas as ligações entre as células nervosas do cérebro, melhor aprendizagem pode ser utilizada em outras situações mais complexas", ou seja, o "tempo para aprender e tempo para construir conhecimentos". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.16)

A criança "aprende e se desenvolve brincando de brincar, brincando de ser, relacionado ao encanto de registrar, o que faz, o que percebe, o que pesquise, o que aprende". O fazer dos "enredos da vida da criança são as brincadeiras que brotam da sua imaginação e das experiências vividas". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.16)

O brincar é a "língua das crianças desde muito pequenas, as primeiras brincadeiras as crianças expressam, pesquisam, se relacionam com as pessoas e objetos e criam". Neste sentido a brincadeira é "apreendida , ou seja, a criança descobre sozinha seu modo de brincar mas também aprende na relação com a mãe e com a família com os outros adultos e crianças". Assim, segundo Gilles Brougére (1995, p. 40) "toda socialização pressupõe apropriação da cultura". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.17)

Neste seguimento as crianças "pertencentes a uma cultura, que mobilizam e ampliam habilidades de se relacionar, se emocionar, se movimentar, se expressar e pensar". Gisela Wajskop ressalta que "a experiência lúdica é o espaço de aprendizagem da criança". Dessa forma "os brincares são intensos e de variados tipos e volume". Assim a brincadeira pode "ser apropriada e desafios e é nesse aspecto que o professor pode pesquisar pistas para contribuir com a realização do brincar". (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.17)

Portanto os modos de brincar são "conquistados por meio das experiências vividas, quanto mais oportunidades são diversificadas, interessantes e desafiadoras, mais complexos se tornam os arranjos sociais em todas as brincadeiras". Renata Meirelles (2009, p. 32) nos coloca que o "brincar é a mais indicada a forma de aprender, só que brincar se aprende brincando". (ROS-

SET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p.18)

4. CESTOS DE TESOUROS: UMA OFERTA AOS BEBÊS PEQUENOS

Os bebês, gradativamente , mudam sua rotina de sono e, no decorrer de seu crescimento foca cada vez mais “acordados e por períodos muito mais longos do dia”. Logicamente terá parte do tempo “preenchida pelas atividades de alimentação e higiene, é preciso enfatizar a importância de achar e reservar um tempo para o brincar recíproco” que ocorre durante esses momentos de cuidado. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 113)

As autoras Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006, p. 113) ressaltam que “o primeiro brinquedo do bebê é o corpo do adulto que cuida dele” e que com isso “o bebê também precisa de oportunidades para brincar e aprender quando não está recebendo atenção de adulto próximo”.

E continuam colocando que “a consciência do seu corpo cresce à medida que o bebê confia em si”, no momento que que enfia o seu pequeno “pulso na boca e, deitado de costas, identifica seus dedos dos pés e das mãos, vindo a conhecer essas extremidades por meio do ato de sugar mas também”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 113)

A coordenação “dos olhos, das mãos e da boca marca um grande passo adiante, mas com toda habilidade, para desenvolver, o bebê precisa de oportunidade para praticar”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p.114) Assim, “o período em que a criança é capaz de sentar-se confortavelmente traz um pouco de uma autonomia que é nova para o bebê”.

Sabemos que o cérebro dos bebês está crescendo mais rapidamente do que em qualquer outro período de suas vidas e que se desenvolve ao responder a fluxo de informação advindas das cercanias, pelos sentidos do tato, olfato, paladar, audição e visão em movimento corporal. O Cesto dos Tesouros oferece um foco para uma rica variedade de objetos cotidianos escolhidos para oferecer estímulos a esses diferentes sentidos, uso dos cestos de tesouro que consiste uma maneira de assegurar a riqueza das experiências do bebê em um momento em que o cérebro está pronto para receber, fazer conexões e assim utilizar essas informações. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 114)

Desta forma, "nenhum dos objetos contidos no Cesto do Tesouro é um brinquedo comprado e muitos podem ser encontrados no ambiente do lar de crianças pequenas”, ou seja, “em armários de cozinha, nas panelas, caixas de sapato, chave de carro e etc”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)

Os conteúdos do Cesto dos Tesouro “são selecionados em parte baseado nesse tipo de observação, no entanto é preciso que a criança consiga sentar-se, mas ainda permanece presa a um lugar ou no início engatinhar”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)

Ao observar proximamente um bebê com os objetos contidos no cesto de tesouros podemos perceber “quantas coisas diferentes eles fazem, ou seja, olham, tocam, apanham-os e colocando na boca, lambendo, balançando, batendo com eles no chão, juntando, deixando-os cair, selecionando e descartando”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)

As autoras Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006, p. 115) complementam que observar a “maneira como todo o corpo é envolvido nesta atividade e como respondem de maneira vivida ao estímulo e excitação”.

Por meio das atividades de “sugar, por na boca e manusear, os bebês estão descobrindo coisas a respeito de peso, tamanho, formato, textura, sons e cheiros e quando escolhe um objeto podemos imaginar que estejam dizendo: ‘o que é isso?’” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)

Atenção concentrada dos bebês “pode durar até uma hora ou mais, existem dois fatores que corroboram - um é a vivida curiosidade da criança que a variedade de objetos e praticar sua crescente habilidade de tomar posse”. Ou seja, “por sua própria vontade daquilo que é novo, atraente, próximo e o outro é a confiança que oferece, a presença atenta, mas não ativa do aduto”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 116)

Quando o adulto não é ativo não significa simplesmente colocar o bebê no tapete, por exemplo, e deixar que ele brinque sozinho, “ele precisa da segurança que a nossa presença interessada dá quando ele encara o desafio que, os objetos que ele pode estar manipulado pela primeira vez, apresenta”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 116)

Se observamos um bebê explorar os itens do cesto de tesouros é fascinante ver o prazer e o interesse com que ele escolhe os objetos que o atrai, a precisão que ele mostra ao levá-los à boca ou passar de uma mão para outra e a qualidade de sua concentração ao tomar contato com o material para brincar. Notamos uma observação concentrada em sua habilidade para escolher e voltar a um item preferido que o atrai, às vezes compartilhado com prazer com adulto responsável, ele não tem dúvidas acerca da sua capacidade de selecionar e experimentar. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 116)

Portanto os bebês assim como os adultos “precisam de posições confortáveis para trabalhar, ou seja, aqueles que ainda não ficam muito firmes ao sentar e podem cair e precisam de ajuda para levantar”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006,

p.118) Por isso o ideal é que o cesto d=seja ofertado somente quando o bebê já conquistou a posição do sentar ou já iniciou o engatinhar, mas ainda mantém-se com sua atenção nos objetos presentes no cesto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo podemos ter contato com vários pontos cruciais para um brincar espontâneo, de qualidade e repleto de aprendizagens significativas para os bebês e crianças pequenas.

Vimos que estes saberes decorrentes dos momentos do brincar acarretam conteúdos, nomeados por nós adultos, mas vivenciados pelas crianças de forma integral, com corporeidade, potência e capacidade.

Entender o mundo e conhecê-lo são decorrências de um envolvimento ativo do bebê com as pessoas e objetos do seu entorno. Dessa forma, "o processo de captar informações, organizá-las e finalmente usá-las para se adaptar ao mundo é a essência da experiência cognitiva”(GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 158).

Portanto, à medida que “as crianças